O Centro Cultural Banco do Brasil oferece ao público a Sala A Contemporânea, espaço especialmente dedicado, de forma sistemática e com programação contínua, à produção atual de jovens artistas brasileiros.

Os trabalhos apresentados serão inéditos, feitos para o espaço e abrangerão os vários tipos de linguagens, desde pinturas e esculturas a instalações, fotografias e desenhos. Até junho de 2011, serão expostas obras de Mariana Manhães, Matheus Rocha Pitta, Ana Holck, Tatiana Blass, Thiago Rocha Pitta e Marilá Dardot.

Ao criar a Sala A Contemporânea destinada à arte brasileira atual, o CCBB busca utilizar sua infraestrutura e experiência para dar visibilidade à produção dos novos talentos e oferece ao público a oportunidade de conhecer o que está sendo produzido, com novas linguagens e novas leituras sobre a arte e os mais diversos temas afetos à humanidade.

The Centro Cultural Banco do Brasil offers the Sala A Contemporânea to the public, a space especially dedicated, in a systematic manner and with a continuous program, to the current production of young Brazilian artists.

The works presented will be new, made for this space and will comprise the various kinds of languages, from paintings and sculptures to installations, photographs, and drawings. Until June 2011 works by Mariana Manhães, Matheus Rocha Pitta, Ana Holck, Tatiana Blass, Thiago Rocha Pitta, and Marilá Dardot will be featured.

By establishing the Sala A as a space for contemporary art, the CCBB is seeking to use its infrastructure and experience to lend visibility to the production of new talents and offer the public the opportunity to see what is being produced, with new languages and new readings about art and its interface with the most varied themes relevant to humankind.

Centro Cultural Banco do Brasil

Patrocínio *Sponsored*
Banco do Brasil

Realização *Organized by*
Centro Cultural Banco do Brasil.

Idealização do Projeto Sala A Contemporânea/ Coordenação Geral de Produção
Conception of the Sala A Contemporânea Project/ General Production Coordinator
Mauro Saraiva

Produção *Production*
Tisara Arte Produções Ltda

Entrevista *Interview*
Sergio Bruno Martins

Identidade/ Programação Visual
Identity/ Graphic Design
Tutano Theo Carvalho

Consultoria em Cálculo Estrutural
Consultant in Structural Calculation
B. Ernani Diaz

Assistente da artista Artist *Assistant*
Tiago P. Souza

Equipe de Montagem *Assembly Team*
Erivelto Rodrigues Néri
Felipe Abdala
Lady Carvalho
Marcelo Dias Nogueira
Tales de Paula
Tiago P. Souza

Execução dos painéis *Set design*
Artes e Ofícios

Fotografia *Photography*
Pat Kilgore

Iluminação *Lighting*
Rogério Kennedy

Sinalização *Signage*
Gouvêa Artes Sergio H. Gouvêa

Revisão de Português *Copy Editing*
Sonia Cardoso

Versão para inglês *Translation into English*
Anna Luisa Araujo

Assessoria de Imprensa *Press Relations*
Meio & Imagem / Ana Ligia Petrone

Administração *Administration*
Loane Malheiros / Antonio Tomé Goes

Transporte *Transportation*
Alves Tegam

terça a domingo, das 9h às 21h
Entrada Franca

Centro Cultural Banco do Brasil
Rua Primeiro de Março, 66 Centro – Rio de Janeiro
[21] 3808.2020
bb.com.br/cultura – twitter.com/ccbb-rj

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

BRASIL UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

L LIVRE PARA TODOS OS PÚBLICOS

Realização
CENTRO CULTURAL

SALA A CONTEMPORÂNEA

Ana Holck Bastidor

18NOV2010 – 09JAN2011

Em minha atividade como produtor cultural, pude observar que os artistas mais jovens, mesmo aqueles com currículos consideráveis, raramente têm a oportunidade de fazer exposições individuais nas instituições brasileiras de grande visitação. ¶ Os centros culturais não costumam oferecer um panorama abrangente da atual produção artística nacional contemporânea, exibindo, na maioria das vezes, apenas mostras pontuais de artistas brasileiros - e assim mesmo de nomes já consagrados.
¶ A partir desta constatação, idealizei uma programação inédita para a Sala A do Centro Cultural Banco do Brasil/RJ. Batizada de Sala A Contemporânea, ela tem como maior meta a sedimentação da sala como um espaço exclusivo para exposições da jovem e produtiva geração de artistas contemporâneos brasileiros. Com uma seleção feita de temas e linguagens diversas, a programação vai formar um pólo capaz de fomentar uma reflexão crítica e consistente sobre a produção atual de nosso país. ¶ Selecionei, então, Mariana Manhães, Matheus Rocha Pitta, Ana Holck, Tatiana Blass,Thiago Rocha Pitta e Marilá Dardot, que têm como proposta novas perspectivas estéticas e conceituais.
Este grupo pertence a uma geração que tem sido incluída em eventos fora do Brasil, despertando a atenção da crítica internacional. ¶ Com esta iniciativa, o CCBB Rio abrirá o campo para uma visão mais abrangente da arte contemporânea nacional, proporcionando o contato de seu enorme público com trabalhos que já não podem ser chamados apenas de "nosso futuro".
O elenco de Sala A Contemporânea representa também o presente - pulsante e muito potente – da arte visual brasileira.

In my activities as cultural producer, I have observed that younger artists, even those with considerable resumes, rarely have one-person shows in Brazilian institutions with great visitation. ¶ Cultural centers do not usually offer a broad panorama of current national contemporary artistic production, exhibiting, most of the time, just momentary shows by Brazilian artists – and even then only of household names. ¶ Based on this realization, I conceived a new schedule for Sala A of the Centro Cultural Banco do Brasil/RJ. Called Sala A Contemporânea, its greatest objective is the installation of this hall as an exclusive space for exhibitions of a young and productive generation of contemporary Brazilian artists. With a selection comprised of different themes and languages, the program will create a hub capable of promoting a critical and consistent reflection about the current art production in our country. ¶ So, I selected Mariana Manhães, Matheus Rocha Pitta, Ana Holck, Tatiana Blass, Thiago Rocha Pitta and Marilá Dardot, who have as a proposal, new aesthetic and conceptual perspectives. This group belongs to a generation that has been included in events outside of Brazil, calling the attention of international critics. ¶ With this initiative, the CCBB of Rio de Janeiro will open the field for a broader view of national contemporary art, affording contact between its great public with works that can no longer be called simply "our future."
The cast of the Sala A Contemporânea also represents the present – pulsing and very powerful – of Brazilian visual arts.

Mauro Saraiva
Produtor Cultural | *Cultural Producer*

Sergio Bruno Martins
entrevista *interviews* **Ana Holck**

Você se formou em arquitetura. É uma disciplina que traz consigo toda uma noção de espaço, um aparato técnico e teórico, e cuja participação no modernismo brasileiro é particularmente marcante. Mas a relação entre arquitetura e arte é também repleta de atritos e desconfianças. Você encontra ou coloca resistências ao defrontar-se com o pensamento arquitetônico em sua prática artística?
Procuro desconstruir o que aprendi de arquitetura nos meus trabalhos. Prefiro permitir uma nova leitura do espaço, em que ele, muitas vezes, deixa de existir como tal. Tento fazer com que as pessoas passem a enxergá-lo e imaginá-lo de outra maneira. Torna-se necessário mobilizar esse espaço e romper com o modo como o apreendemos. Existem verdadeiras camadas de significados e diferentes modos de se perceber um espaço, e eles podem ser ressaltados ou não de acordo com a leitura que se quer fazer. ¶ Tive uma relação de conflito com a arquitetura, e muita resistência com toda a parte técnica que ela traz. Essa relação acabou se transformando numa fonte de questionamento sobre o que é o projeto e como ele se torna um dado complexo para o artista. Idealmente, eu queria poder chegar no espaço sem qualquer projeto prévio, sem um a priori, mas seria impossível na escala em que faço alguns trabalhos.

Você vem ampliando seu repertório de materiais com blocos de concreto, policarbonato alveolar e metal, entre outros. Como se dá o seu interesse por determinado material? É uma decisão que vem do projeto ou uma investigação sobre as qualidades do próprio material?
Ambas as coisas. Vem de um interesse pelo material que, por sua vez, interessa ao trabalho, e vice-versa. Procuro tirar o material do seu contexto e ao mesmo tempo evidenciar suas características. Vinil adesivo, policarbonato alveolar, tijolos, blocos de concreto são materiais que têm uma funcionalidade muito definida: sinalização, vedação, sustentação, pavimentação. E nos meus trabalhos essas funções são subvertidas. O vinil que usei em instalações anteriores era estranho às três dimensões. Por sua espessura quase desprezível, é quase sempre utilizado a partir de recortes, para sinalização, e eu procurava sua materialidade criando uma tensão entre o bi e o tridimensional: ele não estava sinalizando a 'saída', por exemplo, mas obstruindo a passagem.
O policarbonato alveolar, usado aqui no CCBB, toma de certa forma o caminho inverso: é um material usado para vedação e eu o recorto todo, dobro, ele se torna vazado, perdendo sua materialidade, sua capacidade de vedar. No caso dos tijolos de Contra-muro, que são filmados e trazem um dado de virtualidade, são erguidos e depois desabam, gerando uma sensação de impotência, de imaterialidade e de surpresa, por não estarem cumprindo sua função. E também no caso dos blocos de concreto, que trazem um pouco da rua para o interior dos espaços institucionais. Eles estão fora do contexto e demandam uma nova atenção, deixam de ser o chão onde se pisa e adquirem individualidade, algo quase escultórico.

A repetição de uma unidade formal (como a faixa ou o hexágono) é um dado recorrente em seu trabalho, e aponta para o minimalismo e o pós-minimalismo. Por outro lado, é difícil olhar para as formas vazadas em suas esculturas recentes e não pensar no neoconcretismo. São duas tradições com fortes pontos de contato, como a ênfase na temporalidade da experiência, mas que também empreendem leituras bastante distintas do modernismo. Como você pensa suas filiações e afinidades com a história da arte?
Eu faço arte hoje, e apesar de ter a arte abstrata grosso modo como uma referência (especialmente o minimalismo), não me preocupo se estou citando determinado artista. Minha percepção do espaço com base na temporalidade da experiência vem da arquitetura, de uma apreensão do espaço semelhante à do cinema... é como a câmera que enquadra o olho da pessoa, fazendo-a percorrer o espaço de certa maneira, ao 'forçar'determinado trajeto. Acaba que somos levados a ver coisas que sozinhos não perceberíamos. Há algo físico nisso, que identifico também com minha experiência de fazer dança contemporânea durante toda a infância e parte da adolescência. Procuro uma espacialidade física, quero um impacto no corpo das pessoas. O olho faz parte do corpo e o corpo se relaciona com as coisas, olha pra elas. Me interessa também a repetição, e como quebrá-la.
Ao fazer as faixas, eu estava sob forte impacto da minimal, que havia sido meu objeto de estudo no mestrado em História da Arte. A arquitetura moderna brasileira desponta na história da arte e da arquitetura mundiais, seria estranho não levá-la em consideração. Se a arte brasileira é tão reconhecida hoje, é porque houve uma trajetória anterior que semeou isso, com a arquitetura moderna e o neoconcretismo. Acho que essa é uma herança que deve ser debatida dentro dos trabalhos de arte contemporânea.

Sergio Bruno Martins é doutorando em História da Arte pela University College London (UCL), onde é também membro do Centre for the Studies of Contemporary Art. Foi editor do periódico Object e, atualmente, organiza uma edição especial sobre arte brasileira para a revista Third Text.

You were trained in architecture, a discipline that has its own notion of space, its technical and theoretical apparatuses, and whose participation in Brazilian modernism is particularly remarkable. But there is also a great deal of friction and scepticism in the relation between art and architecture. So are there any resistances involved in the encounter between your practice and architectural thought?
I try to deconstruct all that I learned about architecture in my works. I would rather open the way for a new understanding of space, in which it would cease to exist as such. I try to make people see it and imagine it in another way. It thus becomes necessary to mobilize this space so as to break our usual way of perceiving it. There are actual layers of meanings and different forms of perceiving a particular space. Those can be highlighted or not according to the reading you wish to make. ¶
My relationship with architecture was conflictive and I strongly resisted the technical part that comes with it. This relationship eventually became a starting point for questioning what a project is and how it becomes something complex for the artist to deal with. Ideally, I wish I could get to a given space without any previous project, without an a priori, but this would be impossible considering the scale of some of my works.

You have been adding new materials to your repertoire, like concrete blocks, alveolar polycarbonate and metal, among others. How does your interest for a specific material come about? Is it a decision that comes from the project or an investigation about the qualities of each material as such?
Both. It comes from an interest for the material that, by its turn, is interesting to the work and vice versa. I try to take the material out of its context and at the same time highlight its qualities. Adhesive vinyl, alveolar polycarbonate, bricks and cement blocks are materials that have a well-defined functionality: signage, sealing, support, paving. And in my works, these functions are subverted. The vinyl I used in previous installations isn't normally used in three dimensions. Because of its almost non-existent thickness, it is almost always used as cut signage. I was looking for its materiality, creating a tension between the two-dimensional and the three-dimensional: it wasn't indicating the 'exit', for example, but obstructing the passage. In a way, the alveolar polycarbonate used here at the CCBB takes the opposite path: it is a material normally used for sealing and I cut it and fold it so that it becomes full of empty spaces. It loses its materiality, its ability to seal. The bricks of Contra-muro [Counter-wall] are filmic and add a virtual dimension. They are raised and then collapse, creating a sensation of powerlessness, immateriality and surprise as they fail to carry out their functions. There is also the case of the concrete blocks, which bring a part of the street to the inside of institutional spaces. Being out of context, they demand a renewed attention, they cease to be the floor upon which you tread and acquire an individual, almost sculptural quality.

The repetition of a formal unit (such as the band or the hexagon) is often present in your work, establishing a link with minimalism and post-minimalism. On the other hand, it is hard to look at the empty forms in your recent sculptures without thinking of Neo-Concretism. These are two traditions with strong common points, such as the emphasis on the temporality of experience, but they also make very different readings of modernism. How do you conceive of your affiliations and affinities in the history of art?
I make art in the present and despite having abstract art as a broad reference (especially minimalism), I don't worry about the possibility that I am quoting a particular artist. My temporally-based perception of space comes from architecture, from grasping space in a way that is similar to that of film... it's like a camera that frames one's eye, making it go through space in a certain manner, 'forcing' it to take a certain path. We are ultimately led to see things that we would not perceive on our own. There is something physical in this, which I also identify with my experience with contemporary dance, which I practiced throughout my childhood and part of my adolescence. I look for a physical spatiality, I want to provoke an impact on people's bodies. The eye is part of the body and the body relates to things, it looks at them. Repetition, and how to break it, is something that also interests me. I made the bands while I felt the strong impact of minimal art, which had been for the topic of my master's degree in Art History. Brazilian modern architecture is prominent in the general history of art and architecture; not to take them into consideration would be odd. If Brazilian art is so well-known nowadays, this is due to with a trajectory that stems from modern architecture and Neo-Concretism. I believe that this is a legacy that works of contemporary art must consider.

Sergio Bruno Martins is a doctoral student of History of Art at University College London (UCL), where he is also a member of the Centre for the Studies of Contemporary Art. He was editor of the publication Object and is currently organizing a special issue on Brazilian art for the journal Third Text.